

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2009

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

## **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**

**Volume 17 • 2009**

**ISSN: 0872-6086**

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO  
XX ANIVERSÁRIO**

**do**

**Centro de Estudos Arqueológicos  
do Concelho de Oeiras**

**(Câmara Municipal de Oeiras)**

**1988 - 2008**

Editor Científico:  
João Luís Cardoso

**CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**  
2009

## ARMAS, LUGARES E HOMENS: ASPECTOS DAS PRÁTICAS SIMBÓLICAS NA PRIMEIRA IDADE DO BRONZE

João Carlos de Senna-Martinez\*

### 1. PREÂMBULO

Na 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze<sup>1</sup> (c. 2400/2300-1300/1200 cal BC<sup>2</sup>) assiste-se na Península Ibérica, a um conjunto de rupturas com o universo mental neolítico-calcolítico, numa perspectiva todavia matizada por algumas diferenças de ritmo regionais de que os espaços hoje portugueses são bom exemplo.

As três principais alterações verificadas dizem respeito à desestruturação/restruturação das redes de povoamento, à individualização do ritual de enterramento e ao desvanecer das figurações da “grande deusa neolítica” e sua substituição por uma simbólica que privilegia as representações masculinas e/ou de armas (SENNA-MARTINEZ, 2007, p. 120). As duas rupturas referidas por último dizem respeito à temática que aqui nos ocupará.

### 2. A INDIVIDUALIZAÇÃO DO RITUAL DE ENTERRAMENTO

Evidente para o Sudoeste Português, bem como para outras áreas culturais do sul peninsular, a individualização do ritual de enterramento é menos clara para a Estremadura e Beiras, não só por falta de evidência contextual adequada, mas também pela continuada utilização dos monumentos megalíticos de construção neolítica. Ou ainda, na Estremadura, por utilização em continuidade de cavidades naturais<sup>3</sup>.

Contudo, os exemplos estremenhos de Montelavar, Sintra (HARRISON, 1974) e do enterramento da Gruta das Redondas, no Carvalhal de Aljubarrota (NATIVIDADE, 1901) e alguns outros casos de inumação individual conhecidos na Beira Alta são indicadores de que, paralelamente à reutilização dos monumentos megalíticos de constru-

---

\* Centro de Arqueologia (Uniarq) e Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo «Alexandre Herculano» da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1600-214 LISBOA. smartinez@iol.pt.

<sup>1</sup> As antigas designações de Bronze Antigo e Bronze Médio têm vindo a perder operacionalidade no contexto peninsular sendo normalmente utilizadas em termos comparativos meramente tipológicos e sem recurso a cronometria radiocarbónica calibrada (CASTRO MARTÍNEZ, LULL & MICÓ 1996), até porque não parece possível propor qualquer solução de continuidade social entre elas (Veja-se o texto já clássico de RUIZ-GÁLVEZ, 1984). A designação que actualmente privilegamos é a de 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze, preferentemente à mais ambígua (porque desmentida pela própria evolução das práticas metalúrgicas) de Bronze Pleno, conquanto a nossa argumentação (SENNA-MARTINEZ, 2002) siga de perto a do texto citado de Marisa Ruiz-Gálvez, ou a solução de periodização escolhida para a exposição *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder* (AAVV, 1995).

<sup>2</sup> Com as incertezas próprias da datação radiocarbónica este é hoje o intervalo mais provável para a 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze peninsular (cf. CASTRO MARTÍNEZ, LULL & MICÓ 1996).

<sup>3</sup> Apenas como exemplo referimos o recentemente estudado e republicado conjunto das Furnas do Poço Velho (Cascais – cf. GONÇALVES, 2009, p. 135-137).

ção neolítica (ou parasitagem? – cf. JORGE *et al.*, 1997) – caso do enterramento individual do corredor da Orca de Seixas, por exemplo (SENNA-MARTINEZ, 1994a) – novas formas tumulares provavelmente individuais e complementares daquelas e que começamos a conhecer (conquanto sob *tumulus* – cf. CRUZ, 1998; CRUZ, GOMES & CARVALHO, 1998a e b), principiam a ocupar um papel nas práticas funerárias.

No Norte Português, em particular no Minho, é clara a individualização da morte, com exemplos que vão de alguns enterramentos de exceção – caso, por exemplo, da cista da Quinta da Água Branca – a situações mais simples do ponto de vista do espólio, como a necrópole de Vale Ferreiro (BETTENCOURT, LEMOS & ARAÚJO, 2002; BETTENCOURT *et al.* 2005). Neste espaço regional, além de uma óbvia generalização da individualização do ritual funerário, é claro um grande polimorfismo das soluções construtivas, desde a reutilização das anteriores necrópoles megalíticas, passando pela variedade interna detectada em necrópoles como a já citada de Vale Ferreiro ou a do Tapado do Caldeira (JORGE, 1980a, b).

Perdida a monumentalidade construtiva dos megálitos neolíticos, com a consequente perda de visibilidade exterior, quase que desaparece igualmente a evidência arqueográfica de rituais pós-inumação. Contudo, importa aqui matizar esta observação pois podemos, em parte, estar apenas a reflectir alguma “invisibilização” dos mesmos. De facto, para a área argárica são já bastantes as evidências de rituais de comensalidade associados aos diversos tipos de inumação praticados (ARANDA JIMÉNEZ & ESQUIVEL GUERRERO, 2006, 2007). Do mesmo modo, dados obtidos para as necrópoles do Bronze do Sudoeste da Vinha do Casão (GOMES *et al.*, 1986) e de Alfaro-beira (GOMES, 1994) podem ser lidos nesse sentido.

Para o Noroeste apenas o caso do Monumento 1 de Outeiro de Gregos (JORGE, 1990) com a sua estrutura periférica abre a porta a considerarmos igual possibilidade.

Acompanhando a individualização do ritual funerário, outra transformação generalizável ao âmbito peninsular tem a ver com os materiais de acompanhamento dos inumados. Passamos aqui de uma situação em que, enquanto no mundo funerário megalítico do Neolítico Final e Calcolítico, as necrópoles constituem como que um prolongamento dos espaços domésticos – em que o “pacote artefactual funerário” replica, na sua constituição, o utilizado nestes (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008, p. 342; SENNA-MARTINEZ, LÓPEZ PLAZA & HOSKIN, 1997, p. 666)<sup>4</sup> ou seja, praticamente todos os conjuntos artefactuais de utilização diária em vida encontravam o seu lugar nas deposições funerárias – para outra em que apenas alguns conjuntos artefactuais, nomeadamente algumas formas de olaria, são elegíveis para deposição funerária, por vezes sendo prioritariamente utilizadas em tal papel<sup>5</sup>.

Na Primeira Idade do Bronze na Península Ibérica é perceptível, de um modo geral, estarmos perante sociedades hierarquizadas, variando de escala conforme os espaços regionais considerados, em que o caso de maior complexidade é certamente o argárico e a grande distância dos restantes.

Recentemente, começaram a ser produzidos para a área argárica dados contextuais que vão no sentido da existência de sepulturas infantis e juvenis cuidadas e com espólios complexos incluindo artefactos metálicos. São os casos de:

- sepultura infantil de Peñalosa, Baños de la Encina, Jaén (sepultura 5 – CE VIIa), com uma pequena faca ou punhal de cobre, duas contas pétreas de colar e dois recipientes de olaria ( CONTRERAS CORTÉS, SÁNCHEZ RUIZ & NOCETE CALVO, Eds. 2000, p. 212);

<sup>4</sup> Tal replicação, particularmente visível no dispositivo cerâmico, equipando os mortos para uma “outra vida”, contrasta com praticado no Neolítico Médio, em que apenas algumas componentes artefactuais, de entre as então disponíveis, integravam os escassos espólios funerários dessa etapa.

<sup>5</sup> Casos, por exemplo, da forma 6 argárica (CASTRO MARTÍNEZ, *et al.*, 1993-94: 102), dos “vasos tronco-cónicos invertidos” na área Centro e Norte portuguesa (SENNA-MARTINEZ, 1993 e 2000, p. 107) e dos pequenos “vasos de colo estrangulado” (“*rippenvase*” ou “*zonenvase*” de SCHUBART, 1975, p. 46-49) do Bronze do Sudoeste.

– túmulos 8 e 10 de Cerro de la Encina, Granada, o primeiro um enterramento infantil em fossa com um vaso de olaria, um punhal longo e cinco rebites de cobre, quatro cravos de prata e um bracelete de ouro em espiral, o segundo um enterramento triplo em covacho (homem, mulher e criança) contendo 12 vasos de olaria, um punhal de cobre com três rebites de prata, um furador de cobre, um bracelete de prata e dois de cobre e um anel de prata e outros dois de cobre (ARANDA JIMÉNEZ & MOLINA GONZÁLEZ, 2006, p. 52-53 e Table I).

Estes casos, associados a uma clara espacialização dos estatutos dos inumados – com as áreas habitacionais das elites e respectivas tumulações ocupando as acrópoles dos povoados – testemunham, por um lado, a provável hereditariedade dos estatutos sociais nesta área cultural, por outro a existência de uma evidente hierarquização social (ARANDA JIMÉNEZ & MOLINA GONZÁLEZ, 2006; JARAMILLO JUSTINICO, 2004)<sup>6</sup>.

A virtual inexistência de sepulcros infantis e juvenis nas restantes áreas peninsulares<sup>7</sup> – pese embora a existência de bastantes casos de enterramentos de excepção – por um lado indicia a presença maioritária de estatutos sociais adquiridos em vida e não-hereditários, por outro reforça a importância dos casos conhecidos na área argárica e a provável diferença substancial de complexidade social entre o “grupo argárico” e os restantes “grupos regionais” da primeira Idade do Bronze peninsular.

### 3. O DESVANECER DA “GRANDE DEUSA NEOLÍTICA” E O EMERGIR DE SIMBÓLICAS DE CARIZ ANDRIARCAL

O desaparecimento, conquanto com tempos e modos diferenciados regionalmente, do tratamento colectivo da morte deverá ser considerado em estreita conexão com a rarefacção das figurações da “grande deusa neolítica” e sua substituição por simbólicas de cariz andriarcal, seja por uma iconografia “masculina e das armas” nas áreas regionais onde existem representações rupestres ou em estelas, seja por deposição destas (das próprias armas) como espólio funerário em tumulações normalmente de excepção. De facto e como já tivemos ocasião de fazer notar, “...associar ao defunto armas reais, produzidas em metal, ou gravar na tampa da sepultura a respectiva figuração não nos parece essencialmente diferente, do ponto de vista da simbólica do poder...” (SENNA-MARTINEZ, 2007, p. 126).

Num primeiro momento da 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze (c. 2300-1750 a.C. – por vezes ainda referido mais tradicionalmente como Bronze Antigo) dão testemunho desta viragem a deposição funerária de conjuntos de armas (pontas Palmela, punhais de lingueta e alabardas) e jóias metálicas, ditos de “tradição campaniforme”, embora por vezes já sem a respectiva olaria, bem como as primeiras situações de “depósito” de alguns destes tipos artefactuais em “portelas” terrestres e fluviais (SENNA-MARTINEZ, 2007).

É durante esta etapa que se consolida e generaliza a metalurgia, ao serviço quase exclusivo da produção de tais equipamentos, que utiliza preferencialmente cobres arsenicais para as armas e ouro (mais raramente a prata) para a joalharia.

---

<sup>6</sup> Não sendo aqui o local para uma discussão alargada do tema, tendemos a alinhar com a posição recentemente expressa por Aranda e Molina de que o espaço argárico mais do que corresponder a uma única entidade política de tipo estatal deverá apresentar-se dividido em múltiplas “...political units of a regional nature controlled by power centres such as Cerro de la Encina, El Cerro de la Virgen or El Argar itself...” (ARANDA & MOLINA, 2006, p. 58), as quais, quanto a nós, se enquadrariam mais num modelo de “chefados”, ainda muito próximos de uma base “tribal” ou “segmentária” (FOWLES, 2002), do que numa pretendida, por alguns (RISCH & LULL, 1995), estrutura estatal.

<sup>7</sup> Com apenas um caso bem conhecido na Motilla del Azuer (cf. NÁJERA COLINO *et al.*, 2006).

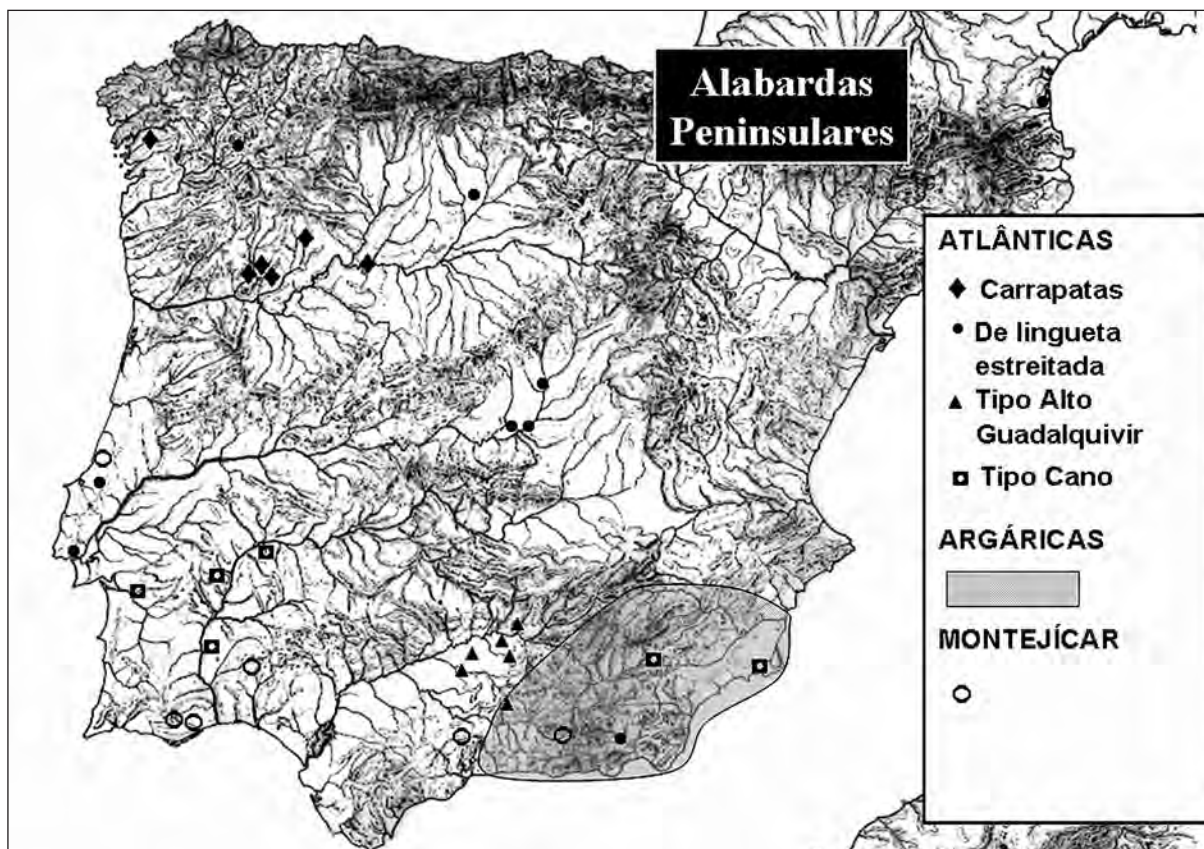


Fig. 1 – Distribuição das alabardas peninsulares segundo os respectivos tipos e sub-tipos.

Paralelamente àquelas deposições emerge uma iconografia em que estes equipamentos metálicos de excepção, de *per se*<sup>8</sup> ou (mais raramente) integrando as primeiras “figuras de poder”, são indicadores de mudanças de mentalidade que anunciam novas complexidades sociais.

Conforme tivemos já ocasião de propor (SENNA-MARTINEZ, 1994b e 2007), se quisermos identificar um tipo artefactual que – transversalmente às várias áreas regionais peninsulares, quer em si próprio, como espólio funerário ou nos primeiros “depósitos”, quer em representação iconográfica – illustre este novo “discurso de poder” da 1ª Idade do Bronze, tal é o caso das alabardas (Fig.1).

Símbolo transversal, é certo, mas com diferenciados tratamentos nos vários âmbitos regionais em que ocorre, as alabardas metálicas da 1.ª Idade do Bronze reflectem a um tempo como que um estar “à la page” das elites regionais bem como diferentes indiossincrasias de representação em cada uma das áreas em que ocorrem. Assim, por exemplo e sem pretensões de exaustividade: Galiza e Minho vêem coexistir situações de “depósito” em portelas terrestres ou fluviais, por exemplo Leiro, Rianxo (MEIJIDE, 1989) com as representações em petróglifos; em Trás-os-Montes Oriental e parte da Província de Zamora conhecemos exclusivamente depósitos em portela terrestre ou fluvial (SENNA-MARTINEZ, 2006), a que haverá que juntar, até pela proximidade geográfica, a

<sup>8</sup> Tal é o caso, nomeadamente, das tampas de sepultura do Bronze do Sudoeste (BARCELÓ, 1991; GOMES & MONTEIRO, 1977) bem como dos petróglifos Galegos (COSTAS GOBERNA *et al.*, 1997).

<sup>9</sup> Caso de algumas estelas/estátuas-menires da Beira Alta e Trás-os-Montes (SANCHES & JORGE, 1987; JORGE & JORGE, 1990) e estelas do Bronze do Sudoeste (BARCELÓ, 1991; GOMES, 1994; GOMES & MONTEIRO, 1977).

representação da estela de Longroiva, uma clara “figura de poder”; no Bronze do Sudoeste coexistem casos de um provável “depósito” (Cano, Sousel (CARREIRA, 1996), com deposições funerárias em cista (Vale de Carvalhos (ARRUDA *et al.*, 1980) e o conjunto, que temos em estudo, de Antas, Tavira) e com representações em “tampas de sepultura” e “estelas” (SENNA-MARTINEZ, 2007, p. 124-5, Fig. 4); a área argárica, conquanto com alguma variabilidade sub-regional, vê privilegiar as deposições funerárias (CASTRO MARTÍNEZ *et al.* 1993-94).

Quando, num segundo momento da 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze peninsular (c. 1750-1250 a.C. – o que tradicionalmente se designava como Bronze Médio) as alabardas cedem o passo a machados de gume esvasado, seja em deposição funerária tal como no “Mundo Argárico” (CASTRO MARTÍNEZ, *et al.* 1993/1994), seja em depósitos na proximidade de portelas como no Noroeste (onde são designados como de tipo “Bujões-Barcelos”), não cremos que em nada se altere o respectivo significado enquanto “símbolos de poder” como adiante se verá.

#### 4. A 1.<sup>a</sup> IDADE DO BRONZE NO FEMININO

Desde há algum tempo que temos vindo a discutir a transformação de género na simbólica, ocorrida durante a 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze, sob títulos que referem seja o “...**esbater** da iconografia feminina da fertilidade/fecundidade...” (SENNA-MARTINEZ, 2007: 120) seja, como aqui, o “...**desvanecer** da ‘grande deusa neolítica’...” (realces



Fig. 2 - Estátua-menir da Ermida, Ponte da Barca (sg. Baptista, 1983, modificada)

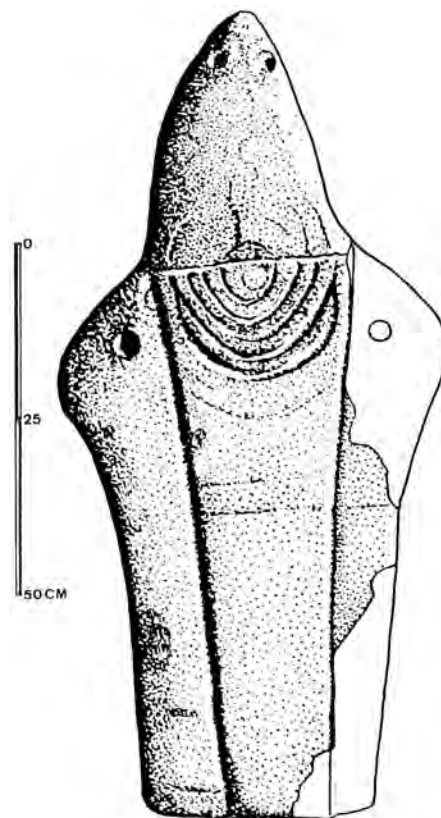


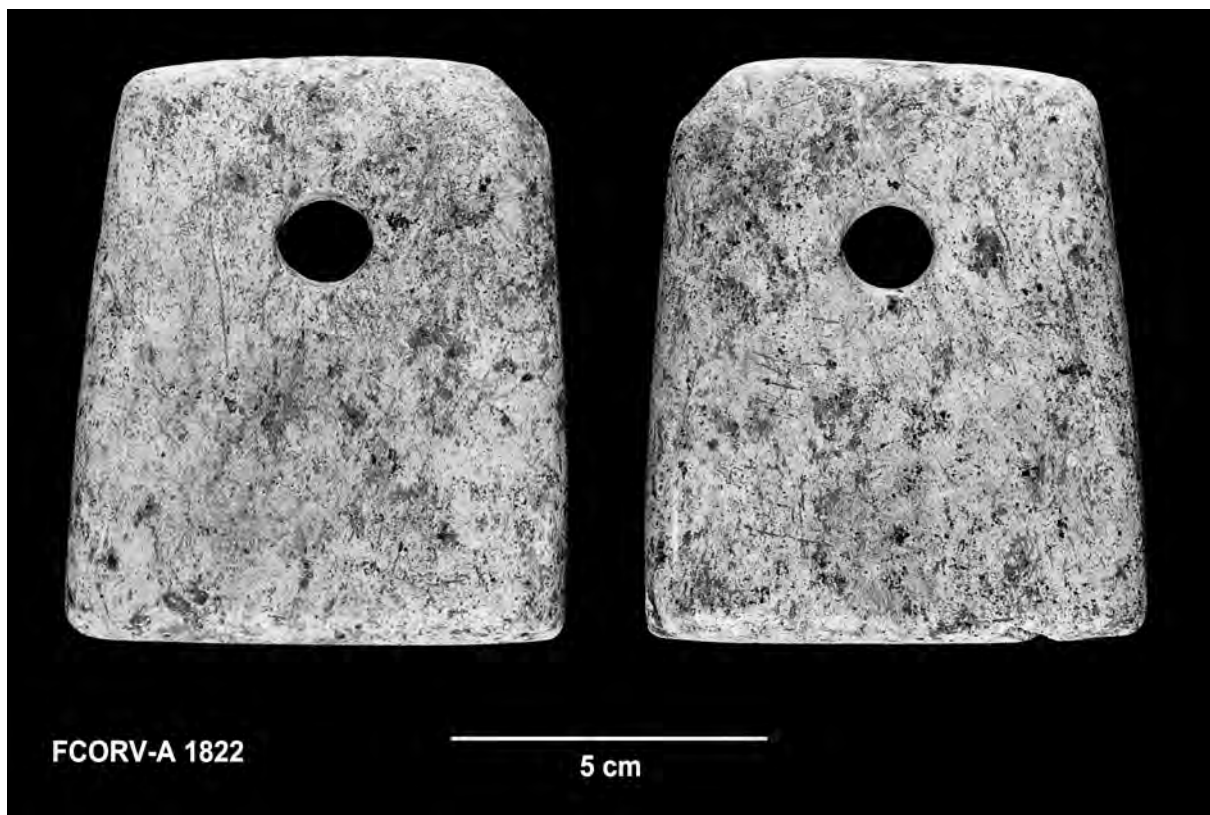
Fig. 3 - Estátua-menir da Boulhosa, Paredes de Coura (seg. JORGE & JORGE, 1990, modificada).



nossos). Tais não são, assumidamente, qualificativos inocentes. De facto, embora seja para nós clara esta transformação ideológica, não nos parece possível considerar que este processo de invisibilização arqueográfica da componente simbólica feminina, durante a 1.ª Idade de Bronze, seja em última instância correlativo de um “desaparecimento” desta. Tal tornaria particularmente difícil de explicar o emergir de divindades femininas no âmbito das populações pré-clássicas peninsulares<sup>10</sup>, como o estudo da teonímia de época romana pressupõe.

A rarefação de representações não é contudo total. Várias representações femininas são conhecidas no Noroeste Peninsular em ambientes culturais da 1.ª Idade do Bronze, nomeadamente:

- A estátua-menir da Ermida, Ponte da Barca (Fig. 2 – cf. BAPTISTA, 1983);
- O “idoliforme feminino” da Rocha 1 da Bouça do Colado (a cerca de 6 km de distância da Ermida – cf. BAPTISTA, 1983, p. 38, Fig.13);
- A estátua-menir da Serra da Boulhosa, Paredes de Coura (Fig. 3 – cf. ANATI, 1968);
- Os “idoliformes femininos” da Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros (Figs. 4, 5 e 6 – virtualmente inéditos, cf. SENNA-MARTINEZ & LUÍS, 2009, p. 73).



**Fig. 4** – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Ídolo em talcoxisto polido [FCORV-A 1822] da Cabana 13 (Fotos originais por cortesia de V.S. Gonçalves, modificadas).

Começamos pelos últimos, até porque se encontram perfeitamente contextualizados em ambiente “doméstico”. A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso constituído por xistos anfibolíticos situado na vertente noroeste da

<sup>10</sup> Certamente como processos de longa duração.

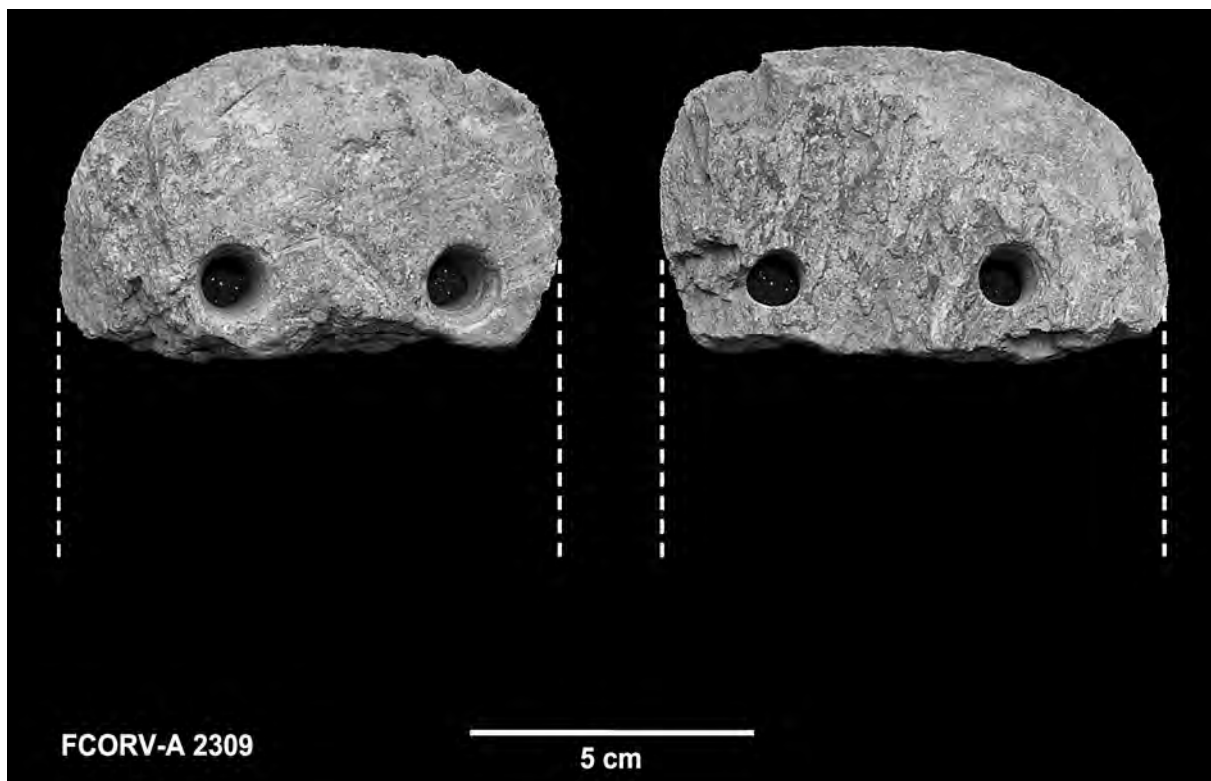


Fig. 5 – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Ídolo em talcoxisto polido [FCORV-A 2309] da Cabana 9.

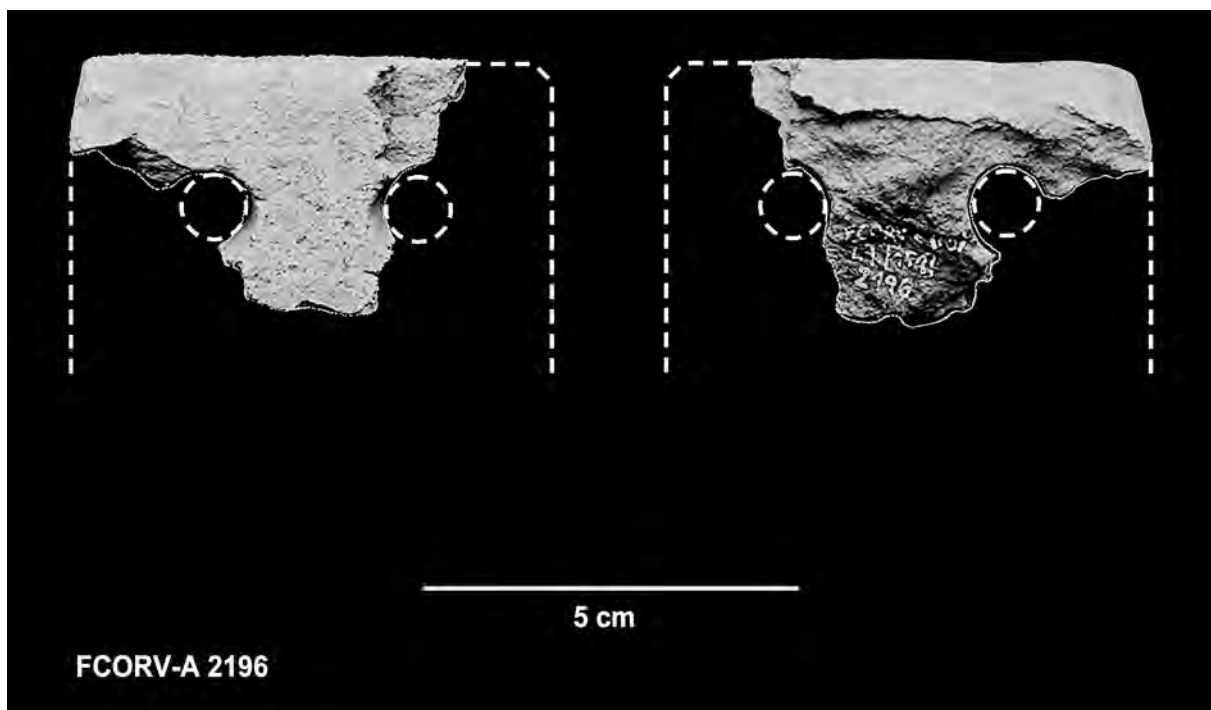


Fig. 6 – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Ídolo em talcoxisto polido [FCORV-A 2196].

Serra de Bornes na elevação conhecida localmente como Monte do Vilar, sobranceira à povoação de Vilar do Monte, sede da freguesia do mesmo nome, concelho de Macedo de Cavaleiros (Fig. 7).

O cabeço possui domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nordeste e noroeste (Abreiro, Carrapatos, Vale Benfeito e Vimioso), célebres pelos depósitos de albardas aí encontrados (BÁRTHOLO, 1959).

É limitado a poente e nascente pelos vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha. A Norte desenvolve-se uma plataforma em declive suave que constitui a área que designámos como Sector A, correspondendo à parte norte do topo do cabeço, o qual é limitado a noroeste por uma vertente bastante abrupta de rocha onde se abrem dois abrigos.

Ao fim da sexta campanha (cf. SENNA-MARTINEZ & LUÍS, 2008) o Sector A deste arqueossítio é caracterizável como parte de um povoado de cabanas sub-circulares ou elipsoidais. Duas áreas se encontram aí em intervenção, resultantes da expansão de duas sondagens iniciais: a Sondagem 2 com 73m<sup>2</sup> escavados e a Sondagem 3 com 36m<sup>2</sup> escavados.

À Sondagem 3 (Fig. 8), com uma única fase estratigráfica identificada, correspondem restos de 3 estruturas de uso doméstico: uma pequena, elipsoidal e com eixos de 3 m x 2 m, limitada por 13 buracos de poste perimetrais e um maior central (Cabana 2); outra de maiores dimensões, eixos de 4mx3m, limitada por 20 buracos de poste perimetrais e um maior central (Cabana 4), integra no seu extremo sul uma estrutura negativa de planta elipsoidal delimitada por pequenas pedras, com 88cm x 77 cm, preenchida por areias escurecidas e com restos de cinzas; anexa a oeste da Cabana 4, encontramos uma outra estrutura sub-rectangular, com 2,4 m x 1,8 m, em que quatro buracos de poste sustentariam um alpendre (designado C. 6) que protegia uma “lareira” exterior à Cabana 4.

Em torno da estrutura oval e entre esta e o “alpendre” foram recolhidos diversos restos de actividade metalúrgica incluindo: 3 nódulos de redução em bronze, um fragmento de cadinho com aderências incluindo vestígios de cobre e estanho, 71 fragmentos pétreos vitrificados sem traços de cobre ou estanho, 2 fragmentos de moldes em xisto e um fragmento de lâmina de bronze (cf. SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2007). Este conjunto de dados permitia assim interpretar a estrutura negativa elipsoidal como uma “caixa-de-areia” e a extremidade sul da Cabana 4 como uma “área de fundição”. Da “lareira” sob o alpendre (C.6) provém um grande fragmento de uma tampa de molde em talcoxisto.

Quanto à Sondagem 2, permitiu estabelecer quatro fases estratigráficas, sendo que as duas intermédias permitiram já identificar conjuntos de estruturas domésticas também de plantas sub-circulares ou elipsoidais:

- A Fase 2 (Fig. 9), a primeira a partir da superfície com quatro estruturas com pisos conservados<sup>11</sup>, uma pequena cabana sub-circular, com cerca de 2,5 m de diâmetro (Cabana 12), outra um pouco maior, com cerca de 3 m de diâmetro e possíveis reconstruções (Cabana 3) e outras duas cujas plantas, ainda incompletas, apontam para configurações elipsoidais com eixos maiores entre os 3m e 3,5m (Cabanas 8 e 10).

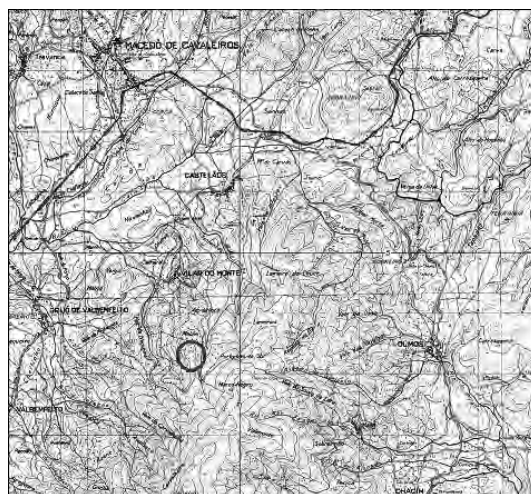


Fig. 7 – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Localização na folha 78 da CMP 1:25000.

<sup>11</sup> A Fase 1 corresponde à Cabana 7, apenas identificada pelo arco de alguns dos respectivos buracos de poste, à qual, não restando nada do respectivo piso, não se podem atribuir quaisquer materiais (SENNA-MARTINEZ & LUÍS, 2009, p. 72).

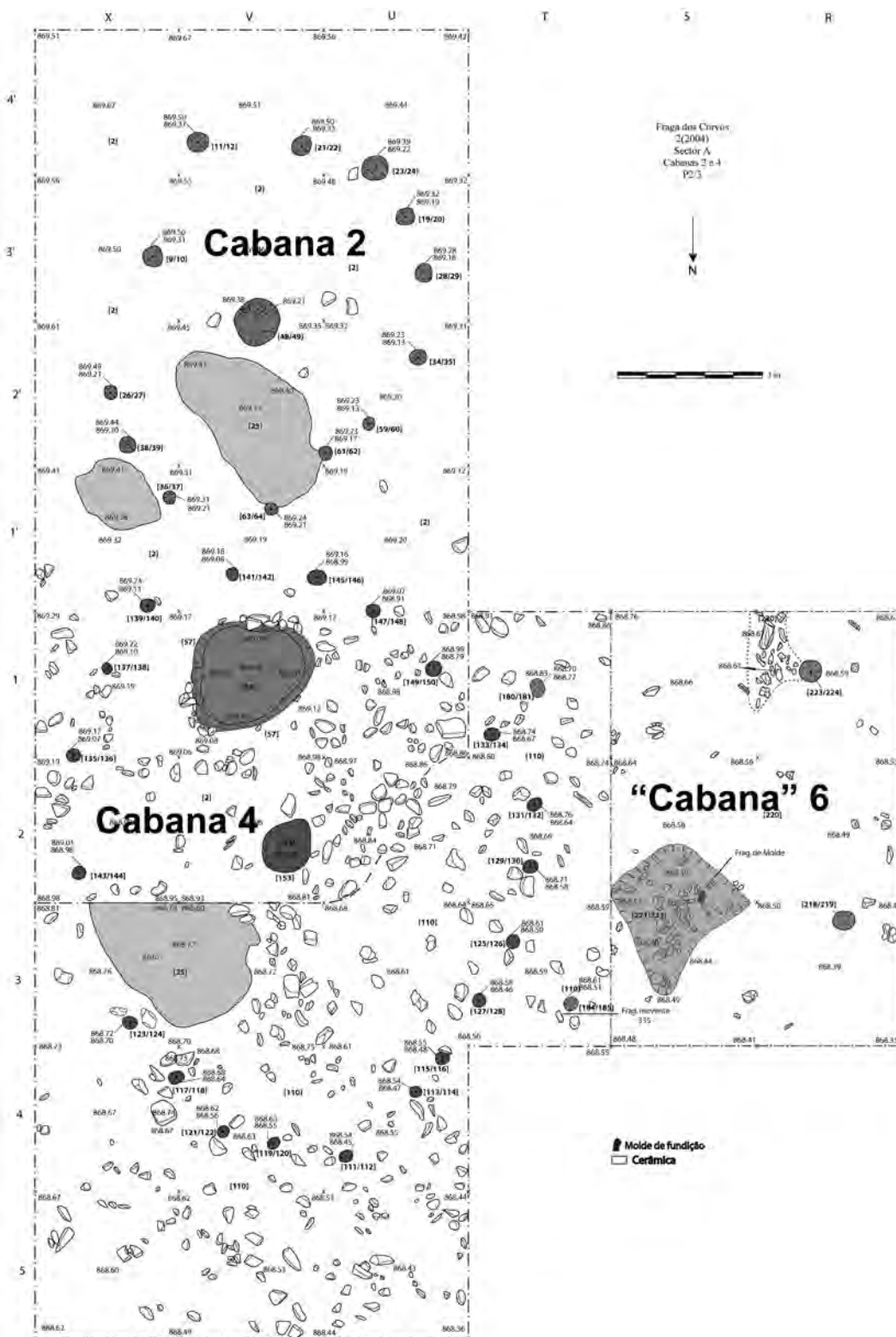


Fig. 8 – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Planta ao nível de detecção das estruturas da área de fundição da Sonda-gem 3.

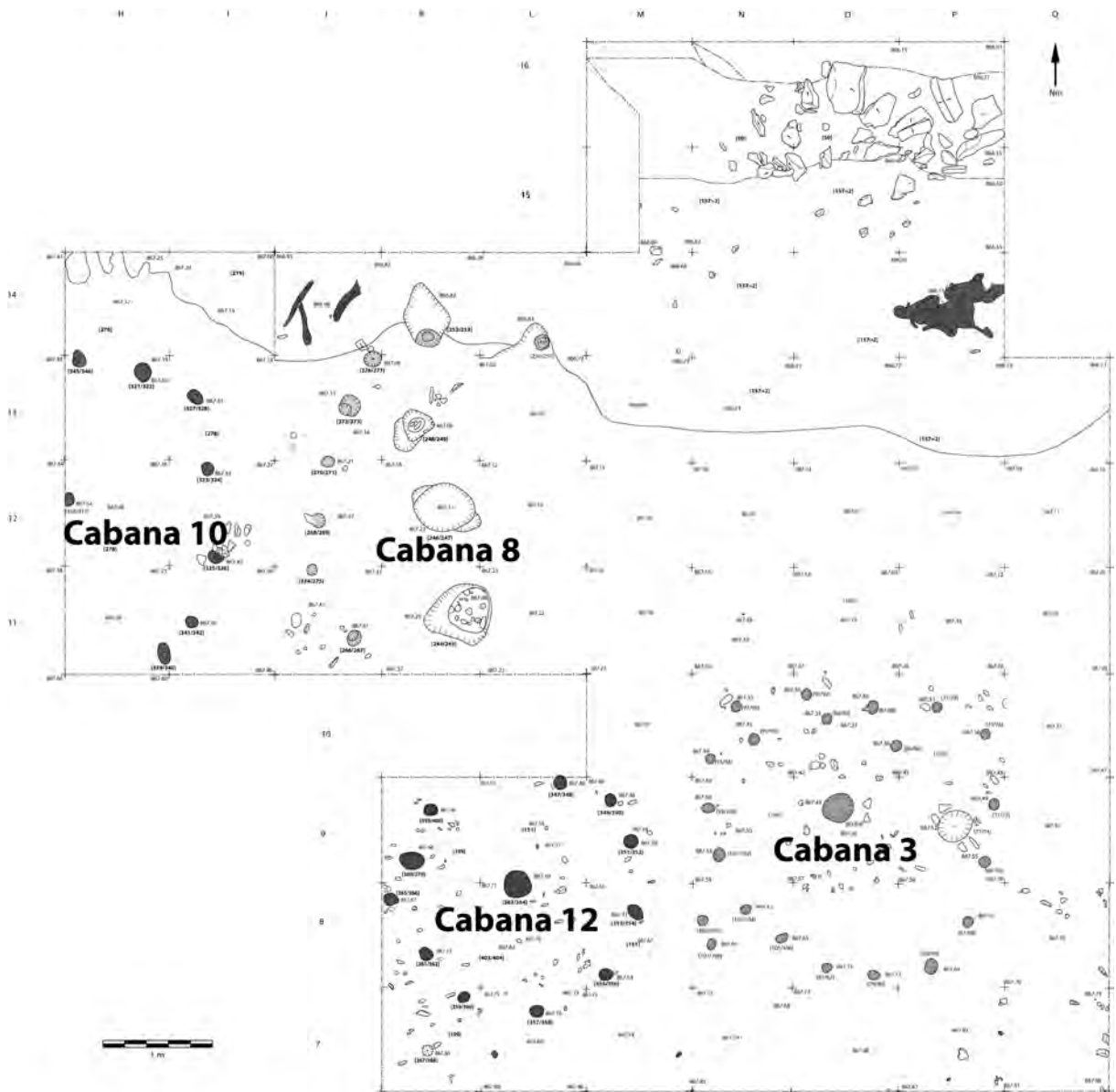


Fig. 9 – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Planta ao nível de detecção das estruturas da Fase 2 da Sondagem 2.

- À Fase 3 (Fig. 10), mais antiga e a que aqui mais nos importa, correspondem quatro estruturas domésticas elipsoidais, a grande Cabana 5, aparentemente a maior de todas, com eixos de 4,6 m por 4,3 m e limitada por 21 buracos de poste perimetrais e seis interiores, e outras três, com plantas ainda incompletas, sub-circulares ou elipsoidais, mas manifestamente mais pequenas (Cabanas 9, 11 e 13).

É a esta fase que é possível atribuir um conjunto importante de materiais com incidência na temática aqui abordada:

- Entre a Cabana 5 e a Cabana 11 (no quadrado M9, cf. Fig. 10), recolheu-se um fragmento de molde em talcoxisto, para machados de tipo “Bujões/Barcelos” (HARBINSON, 1968) e cinzéis [FCORV-A 2220], muito semelhante a um exemplar completo do Museu de Ourense (Fig.11);

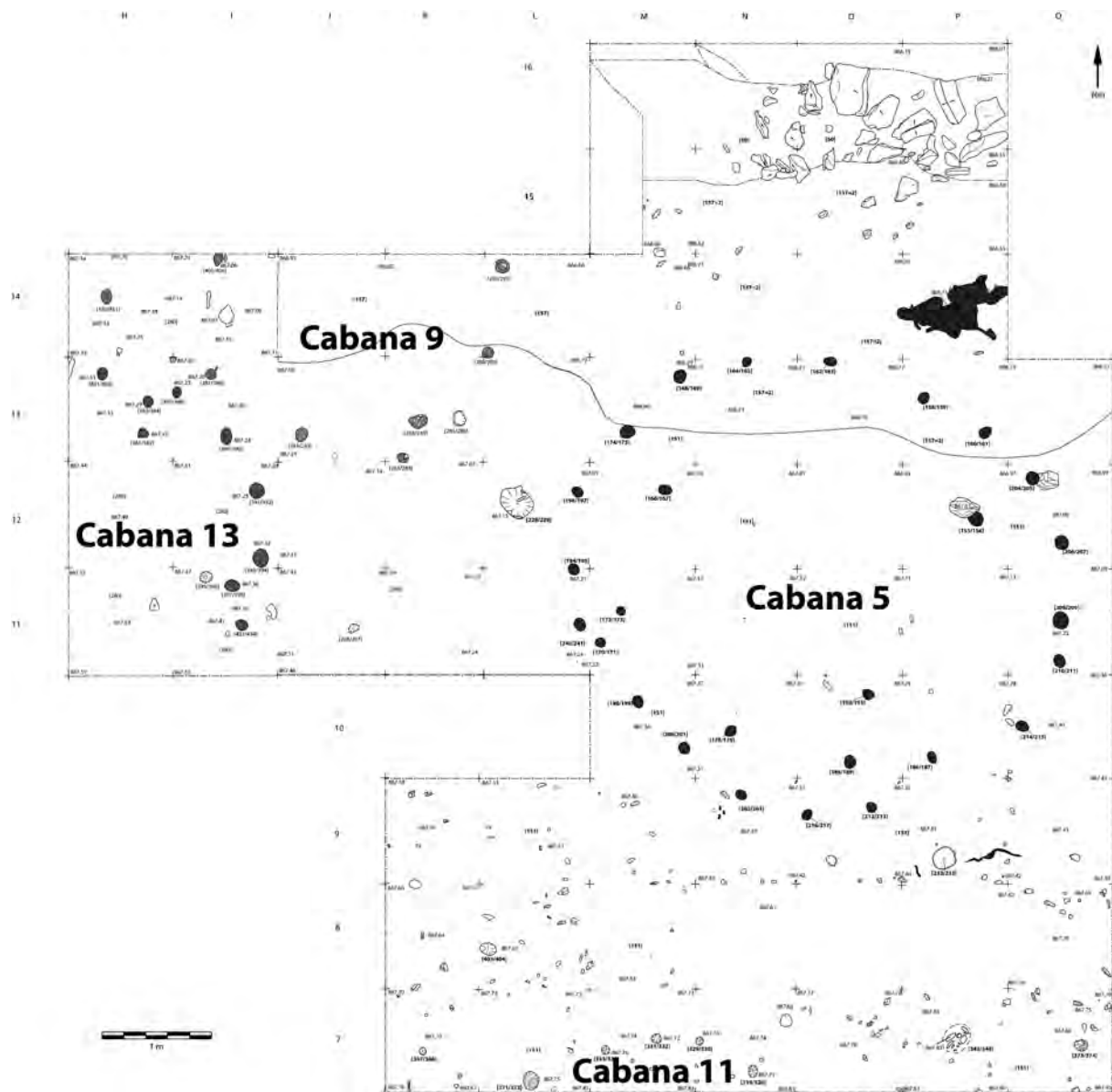
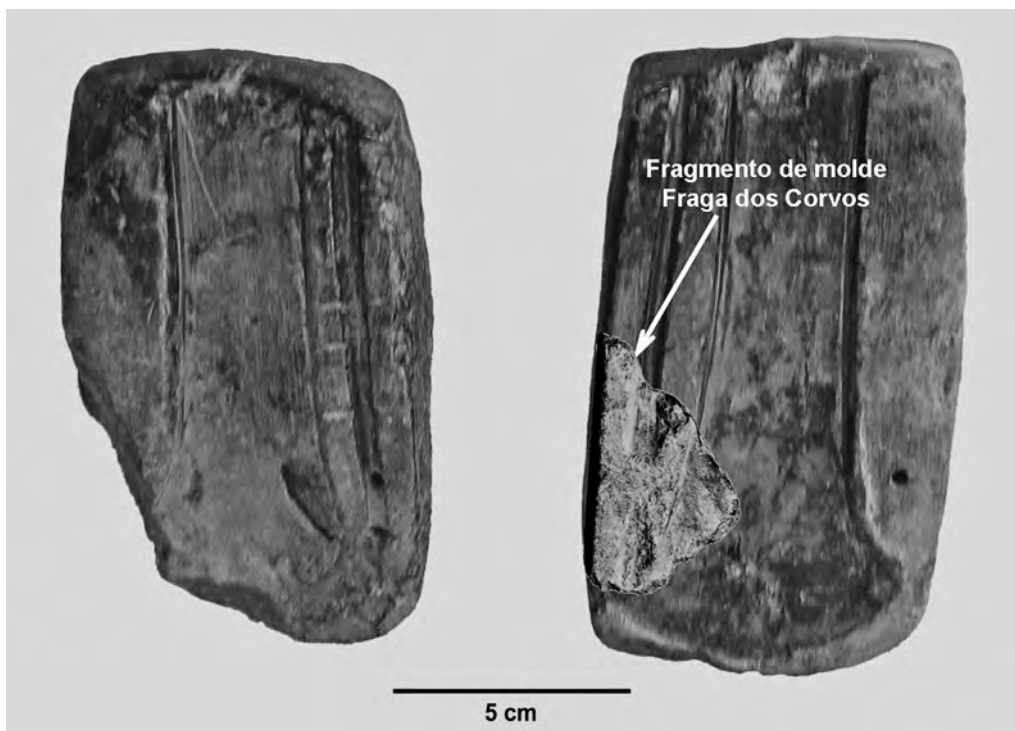


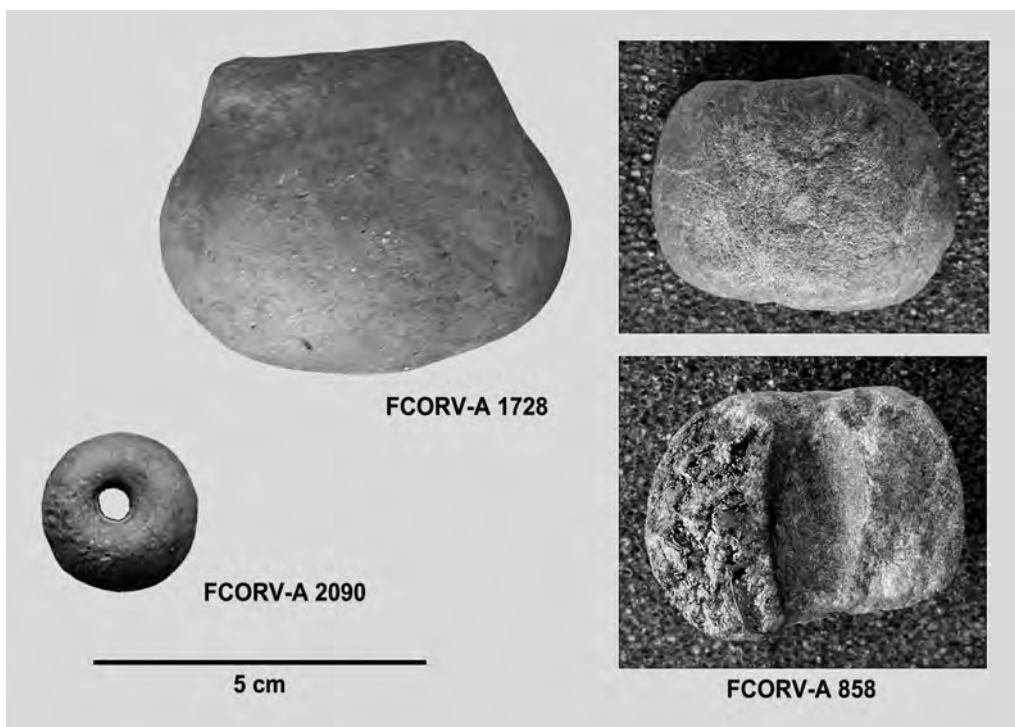
Fig. 10 – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Planta ao nível de deteção das estruturas da Fase 3 da Sondagem 2.

- No exterior da Cabana 13, no seu lado nascente (em J11, cf. Figs. 10 e 12), apareceu um “ídolo” em talcoxisto [FCORV-A 1822], de formato paralelepípedico achatado e com uma perfuração junto a um dos topos que pelo averso conserva vestígios de incisões radiais que o envolvem (Fig. 4)<sup>12</sup>;
- Foram ainda recolhidos em contextos da Fase 2 fragmentos de outros dois “ídolos” em talcoxisto: um fragmento da parte superior [FORV-A 2309] de um exemplar, de formato arredondado e com duas perfurações

<sup>12</sup> Agradecemos ao nosso colega Prof. Doutor Victor Gonçalves o tratamento fotográfico em alta resolução desta peça, que permitiu que a interpretamos desta forma, bem como a discussão que connosco manteve sobre a problemática deste conjunto de peças.



**Fig. 11** – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Fragmento de Molde para machados Bujões/Barcelos e cinzéis [FCORV-A 2220] sobreposto ao molde completo do Museu de Orense.



**Fig. 12** – Fraga dos Corvos, Macedo de Cavaleiros. Cossiros associados à fase 3.

(Fig. 5), recolhido em H14 e associado ao “pavimento” da Cabana 9 (cf. Fig. 10); o outro foi recolhido entre as Cabanas 5 e 11; trata-se de um fragmento [FCORV-A 2196] da parte superior de um exemplar de formato paralelepípedo achatado e com duas perfurações (Fig. 6), proveniente de L7 (cf. Fig. 10).

A afinidade destes elementos ideotécnicos com mundos culturais mais meridionais é quanto a nós clara, nomeadamente com os ídolos-placa calcolíticos de xisto da Estremadura Atlântica e Sudoeste, o que nos conduz a considerá-los como representações femininas, interpretação quanto a nós particularmente evidente no caso do exemplar mais completo (cf., por ex., GONÇALVES, 2008).

O material de que este conjunto de peças é feito, bem como os fragmentos de moldes de fundição recuperados (a tampa do “telheiro” da Sondagem 3 e o fragmento de molde para machados de tipo “Bujões/Barcelos” acima citado) existe a menos de um dia de distância da Fraga dos Corvos. Referimo-nos aos talcoxistos do Azibo que hoje alimentam a produção de uma empresa local.

Além destes dois tipos de peças, moldes e “ídolos”, esta matéria-prima foi utilizada para produzir algumas raras contas esferoidais e um cossoiro [FCORV-A 858] oriundos da Cabana 4. Esta última peça, de provável utilização feminina, é a única em pedra de um conjunto a que há juntar dois exemplares cerâmicos [FCORV-A 1728 e 2090] recolhidos em contexto da Fase 3 respectivamente em P8 e P7 (Fig. 12).

Ao cariz excepcional das categorias de peças produzidas em talcoxisto – moldes, ídolos, cossoiros e raros adornos – junta-se o provável significado feminino de todos estes artefactos, a que nem sequer escapam os elementos de molde, uma vez que a simbólica associada às metalurgias primitivas faz dos moldes “o ventre” onde nascem os artefactos metálicos (ELIADE, 1977).

Na Beira-Alta conhecemos também um outro pequeno ídolo, provavelmente feminino, proveniente de um contexto seguro da 1ª Idade do Bronze, que foi recolhido no recinto/santuário da Fraga da Pena (Fornos de Algodres, cf. VALERA, 2007, p. 249-250 e Est. 5-3, 1).

Podemos agora repensar as estátuas-menir da Ermida e Boulhosa como representando situações em que figuras femininas partilham, já, dos “estatutos de poder” masculinos, agora talvez como “consortes”. Algo que os enterramentos femininos argáricos de “*ranking* alto” (individuais ou com o “companheiro masculino” – cf. ARANDA JIMÉNEZ & MOLINA GONZÁLEZ, 2006) nos fazem perceber que pode existir nestes contextos de 1ª Idade do Bronze. As presenças de “idoliformes” em painéis com armas da arte rupestre dita “Atlântica” (cf. PEÑA SANTOS, 2005) podem também ser lidas como representações “femininas”<sup>13</sup> concorrendo para uma leitura como a que propomos. Como exemplo e pela proximidade com o achado da estátua-menir da Ermida importa aqui referir o “idoliforme feminino” da Rocha 1 da Bouça do Colado (BAPTISTA, 1983, p. 38, fig.13), também ele integrável na 1ª Idade do Bronze.

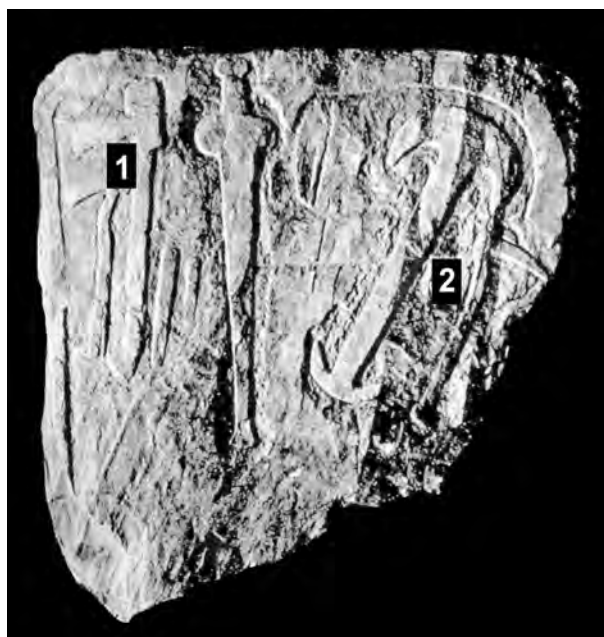
Se, com Lara Bacelar Alves, aceitarmos que “...o significado da Arte Atlântica, com origem no Neolítico, se dilui durante a Idade do Bronze mediante uma re-orientação do ritual para o “culto” das materialidades associadas à metalurgia, como propõe Bradley (e.g. 1997)...” (ALVES, no prelo, p. 30), então esta presença feminina na 1ª Idade do Bronze ganha novos níveis de compreensão graças ao achado dos “ídolos” da Fraga dos Corvos em contexto habitacional directamente conectado com actividades metalúrgicas (SENNA-MARTINEZ & LUÍS, 2009, p. 76). Também, no caso da estátua-menir da Ermida, a representação dos respectivos seios é comparável às duas aplicações áureas discoidais que, com uma lúnula também em ouro martelado, integram o “depósito” de Bucos (Cabeceiras de Basto) (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993) – tendo, tal associação, sido realçada no contexto da exposição “A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de Poder” (AAVV, 1995, p. 28) – reforçando esta provável conexão entre práticas metalúrgicas e um novo “discurso de poder”.

<sup>13</sup> Inclusive para os chamados “escutiformes”, caso os interpretemos como femininos, no que concorre a possível simbólica dos triângulos cortados com o vértice para baixo.



O facto de ser no Centro e Norte Atlântico Peninsulares (Português e Galego) que adquire maior visibilidade arqueográfica esta presença de uma simbólica feminina, conquanto que em posição subalterna, não deve espantar-nos. Efectivamente, é neste conjunto de espaços peninsulares que, no decurso da 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze, maiores continuidades encontramos com etapas anteriores. Aqui, os dados da escavação recente de sítios de habitat – Buraco da Moura de S. Romão (SENNA-MARTINEZ, 1993, 2000; CARDOSO, SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1995/1996), Fraga da Pena (VALERA, 2007), Fumo (CARVALHO, 2004), Sola (BETTENCOURT, 2000) e, nomeadamente, a Fraga dos Corvos (SENNA-MARTINEZ, *et al.*, 2007; SENNA-MARTINEZ & LUÍS, 2009) – têm vindo a demonstrar grandes proximidades organizativas e manifestas continuidades em relação com as comunidades (também elas camponesas) antecedentes.

Espaço desde longa data associado a grande conservadorismo cultural, é, contudo, no Noroeste Peninsular que primeiramente encontramos a presença de ligas de bronze e conseqüente substituição das alabardas Carrapatas por machados “Bujões/Barcelos” (SENNA-MARTINEZ, 2007). Mas também nos parece claro que tal aparecimento – algures entre o final do primeiro e inícios do segundo quartel do 2.<sup>o</sup> milénio a.C. em meados da 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze – não afecta a estrutura de base das respectivas comunidades e, por conseqüência, os “discursos de poder” vigentes (*Id.*). Também na área argárica, a substituição das alabardas por machados de gume esvazado não afecta o restante da estrutura social e o “layout” dos povoados e, no Bronze do Sudoeste, a convivência iconográfica de machados e alabardas na lage de Assento (Fig. 13 – cf. ALMAGRO, 1966: Lám. XXVI) estabelece uma clara associação e equivalência formais entre este dois “símbolos de poder”.



**Fig. 13** – Bronze do Sudoeste. Tampa de sepultura de Assento, Beja: 1- Machados encabados; 2- Alabarda tipo Cano encabada (seg. ALMAGRO, 1966: Lám. XXVI, modificada).

## 5. SIMBÓLICA DE PODER VERSUS SUSTENTABILIDADE ECONÓMICA

Temos vindo a defender que os materiais metálicos têm, no âmbito dos grupos regionais da Idade do Bronze Peninsular, um cariz de “elementos de prestígio”, nomeadamente porque, na generalidade dos casos – trata-se aqui fundamentalmente de questões de escala – a produção dos artefactos metálicos, quando contraposta aos restantes artesanatos, reveste um cariz de pequena escala e mesmo “doméstico” (para auto consumo), sem que em qualquer dos casos conhecidos vislumbremos algum indício de “circulação mercantil” ou mesmo de “troca generalizada equivalente”, pelo que tais produções não podem ser entendidas no âmbito de qualquer valia técnica (cf. SENNA-MARTINEZ, 2007: 121).

Exceptuando o caso dos prováveis “chefados” argáricos, a imagem que nos fica da vida económica e social das sociedades peninsulares da 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze é ainda algo muito próximo das sociedades segmentárias (tribais? cf. PARKINSON, 2002.) neolíticas. Pesem embora as diversidades regionais que se registam, a inexistência de evidências arqueográficas de armazenagem centralizada em quase todos os grupos regionais peninsulares da 1.<sup>a</sup>

Idade do Bronze (incluindo o argárico, sendo que a única exceção são as *Motillas* da Mancha<sup>14</sup>) é bem uma evidência de que as elites nascentes dispunham de recursos limitados para fundamentar o seu poder.

O problema fundamental da sustentabilidade dos fenómenos de complexificação social consiste, de facto, na existência ou não do correlativo suporte económico. Financiar a complexidade é algo que passa pela emergência e desenvolvimento de sistemas de “*staple finance*”<sup>15</sup>, “*wealth finance*”<sup>16</sup> ou mistos (BRUMFIEL & EARLE, 1987). No primeiro caso (*staple finance*) é fundamental o desenvolvimento de produções de subsistência acumuláveis e manipuláveis sendo que, por razões de facilidade de intensificação de produção, manipulação e armazenagem, os cereais desempenham aí papel de primeiro plano e não é por acaso que todos os casos conhecidos de emergência de “estados de primeira geração” se localizam em áreas do globo onde se desenvolveram plantios extensivos e irrigados de cereais (REDMAN, 1978; HARLAN, 1992).

Os espaços regionais peninsulares em que se tem vindo a propor produções cerealíferas em extensão como suporte do desenvolvimento das sociedades camponesas do Calcolítico e Idade do Bronze abarcam grande parte do sul peninsular, nomeadamente o Sudoeste e a Andaluzia. Um estudo recente (ARAUS *et al.*, 1997) veio documentar – com base na discriminação de isótopos de carbono em análises extensivas efectuadas sobre amostras carbonizadas de cevada, trigo e fava – a improbabilidade de, entre o Neolítico e o Bronze Final, ter existido irrigação de cereais e admitem apenas a irrigação de hortícolas<sup>17</sup>.

A vulnerabilidade de tal esquema produtivo é realçada por outro estudo sobre o sudeste peninsular, que coloca a possibilidade de “...nas áreas mediterrânicas (peninsulares) os primeiros sistemas agrícolas provavelmente não serem sustentáveis, estando expostos a uma progressiva perda de eficiência. Tal conclusão baseia-se no decréscimo de tamanho, rentabilidade de colheitas e conteúdo total de azoto por grão...” observada em amostras do arqueossítio de Montefrío, numa sequência estratigráfica representando cerca de 1500 anos (Neolítico e Calcolítico – cf. AGUILERA *et al.*, 2008: 1662). Acresce que “...tal padrão não parece estar relacionado com mudanças na disponibilidade hídrica durante o cultivo, mas antes com um decréscimo de fertilidade do solo, particularmente para o trigo, o principal cultivo neste sistema agrícola...” (*Id.*, *Ibid.*)<sup>18</sup>.

Este estudo pode contribuir não só para a compreensão dos processos de colapso dos “ensaios de complexidade calcolíticos” que caracterizam a transição para a Idade do Bronze, mas também, se extrapolável, o que pensamos possível, de alguns dos colapsos que marcam, de modo semelhante, o final da 1.<sup>a</sup> Idade do Bronze.

À dificuldade em sustentar processos com alguma componente de “*staple finance*” nas áreas com maior potencial para tal do sul peninsular, somam-se os dados existentes sobre as restantes paleoeconomias regionais peninsulares que vão no sentido de aí ser ainda mais precário propor tal tipo de desenvolvimento, nomeadamente naqueles espaços em que tão só o gado se afirma como potencialmente importante em tal qualidade. Contudo, são conhecidas as limitações para a utilização de gado como meio de financiamento social, nomeadamente os problemas da sua multiplicação, apascentamento e gestão que limitam o crescimento dos rebanhos e manadas, limitações que, em vários âmbitos regionais, se associam à sazonalidade imposta pela necessidade da transumância.

<sup>14</sup> Onde o verificado na Motilla do Azuer (ARANDA *et al.*, 2008) pode ser encarado mais como resultado da necessidade das comunidades protegerem das inundações sazonais (que condicionam a própria escolha dos locais para a edificação dos sítios de habitat) as reservas para consumo e sementeira do que como concentração de excedentes.

<sup>15</sup> Financiamento a partir de “bens de consumo alimentar acumuláveis”.

<sup>16</sup> Financiamento a partir de “bens de prestígio”.

<sup>17</sup> “...In summary, except for faba bean at some sites, results do not support the existence of irrigation practices in the south-east of the Iberian Peninsula from the beginning of agriculture (about 7000 BP) to the Iron Age (2400 BP). It can be assumed that the water requirements of these crops were met by virtue of the existence of a more humid climate (or naturally wetted soils), although the conditions were far below full irrigation...” (ARAUS *et al.*, 1997, p. 739)

<sup>18</sup> Tradução e interpolação nossas.

Deste modo, garantida a subsistência de base (condição prévia da própria existência das comunidades), admitindo uma componente de “*staple finance*” fraca ou instável, restam os mecanismos de “*wealth finance*” para explicar o crescendo de complexificação, ainda que de uma forma limitada, nas respectivas expressões arqueográficas, registada entre o “mundo neolítico” e a 1.ª Idade do Bronze.

É neste âmbito que pensamos se enquadra a produção de armas e jóias metálicas cujo monopólio da produção, circulação e utilização a um tempo sustenta e explica a emergência das elites da Idade do Bronze. Estes equipamentos são parte de um novo “discurso de poder”, associado a uma estrutura simbólica em que, agora, predomina um sentido andriarcal. Como é que este poder se afirma?

Pensamos que se trata aqui de poderes emergentes muito mais “imaginados e consentidos” do que efectivamente exercidos de forma coerciva (SENNA-MARTINEZ, 2006, p. 113), razão porque a respectiva fundamentação simbólica se torna fundamental.

Enquanto regulador da nova ordem social (da 1ª Idade do Bronze) o “aparelho simbólico” que vimos discutindo deverá ser entendido como parte de uma “violência sem violência” – no sentido que Maurice Godelier atribui a esta expressão (GODELIER, 1977, p. 236-7) – como uma ideologia partilhada entre elites e subordinados e, portanto, legitimadora da autoridade daqueles. Perdido(s) o(s) significado(s) profundo(s) de tal ideologia resta-nos a sua expressão material sobrevivente e analisável do ponto de vista arqueológico.

As sociedades camponesas, tal como antes os caçadores-recolectores, produzem um discurso sobre a natureza, alterando-a, conformando a percepção da paisagem à sua realidade social (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008, p. 343). A emergência de poderes reguladores centrais à sociedade, por limitados e incipientes que sejam, implica uma nova conformação do espaço/território<sup>19</sup>. Pensamos, já há algum tempo (SENNA-MARTINEZ, 1994c), que o citado monopólio da produção, circulação e utilização de artefactos metálicos pelas elites da Idade do Bronze se traduz na necessidade de estas controlarem, pelo menos em termos visuais e simbólicos, o território envolvente aos respectivos sítios de habitat.

É em termos de controlo simbólico do território e no âmbito da nova simbólica de poder emergente na 1ª Idade do Bronze que podemos entender o surgimento de um fenómeno bem característico desta nalguns espaços regionais peninsulares: os primeiros “depósitos” de artefactos metálicos.

A manipulação e deposição de armas e jóias metálicas na Primeira Idade do Bronze envolve não só os já referidos aspectos de “depósito como oferenda funerária” como também os primeiros casos regionais de “depósito como marcador de território”. De notar que, também neste caso, a ocorrência desta nova forma de “sacrifício artefactual” se localiza, predominantemente, no Centro e Norte Atlântico Peninsulares.

Os primeiros depósitos metálicos conhecidos são os que envolvem as alabardas atlânticas ditas de tipo “Carra-patas” ou de “lingueta estreitada” (SENNA-MARTINEZ, 2007, p. 122). O conjunto de situações identificadas no Nordeste Transmontano e áreas envolventes, nomeadamente em torno à Bacia de Macedo de Cavaleiros (BÁRTHOLO, 1959, p. 431-432), mostra que as mesmas foram encontradas em locais próximos de antigas vias de trânsito (os *puntos de paso* de M. RUÍZ-GÁLVEZ, 1995):

- As duas de Vale Benfeito são provenientes da margem de uma linha de água próxima da via natural de saída a sul-oriental da Bacia de Macedo de Cavaleiros, hoje reaproveitada pelo IP2;
- As duas de Abreiro resultam de obras de alargamento da trincheira da EN 314, junto a um vau num pequeno afluente do Tua<sup>20</sup>;

<sup>19</sup> Convertido em território já desde etapas plenas da neolitização das várias áreas regionais peninsulares (SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 2008, p. 341).

<sup>20</sup> Situado na base do monte onde se localiza o povoado do Cemitério dos Mouros, com níveis de transição Calcolítico/1.ª Idade do Bronze datados de entre 2460-1950 cal AC (SANCHES, 1995, p. 29).

- As de Carrapatas, segundo tradição ainda viva na povoação, teriam aparecido em resultado de igual actividade, próxima da via natural de saída a ocidente da Bacia de Macedo de Cavaleiros;
- A de Senhora das Pereiras (Vimioso) deve provir do alargamento da estrada de acesso ao santuário, ponto dominante da paisagem envolvente, nomeadamente sobre Vimioso e em direcção ao vale do Sabor;
- O depósito de Leiro (Rianxo, Galiza – contendo 5 punhais de lingueta e uma alabarda – MEIJIDE, 1989) foi recolhido na vertente do Monte da Pena, sobranceiro à Ría de Arousa, próximo da foz do rio Ulla (COMENDADOR REY, no prelo);
- A alabarda de El Arribanzo (Fariza, Zamora) pela sua provável associação a um “punto de paso” de acesso ao Douro e a um vau fluvial pode, com outras duas peças hoje perdidas, configurar também um depósito (LÓPEZ PLAZA & SANTOS, 1984/85, p. 255-56).

No caso do depósito de Leiro importa referir que, na mesma vertente do Monte da Pena, no local designado Foa Vella, existe um penedo gravado com representações que incluem duas alabardas e dois punhais (CALO LOURIDO & GONZÁLEZ REBOREDO, 1980).

Paralelamente a estes, mas de tipo diferente, com jóias em vez de armas, são também conhecidos alguns depósitos em todo o Noroeste Peninsular (COMENDADOR REY, 1997, p. 429, sgs.), contudo as associações a “portelas” são aqui menos claras.

Fora do Noroeste Peninsular, outras situações configuram igualmente possibilidades de serem consideradas como integrando “depósitos” desta fase. Pelo particular interesse de que se revestem debruçar-nos-emos sobre três:

- Espada do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres) (PAÇO & FERREIRA, 1956): Trata-se do único caso seguro que conhecemos de uma espada de lingueta, fabricada num cobre arsenical, enquadrável nas armas (Pontas Palmela, punhais de lingueta e alabardas) que podem surgir sós ou acompanhando campaniformes de 2.<sup>a</sup> geração, seja em contexto funerário (por exemplo nas sepulturas da Quinta da Água Branca e Fuente Olmedo<sup>21</sup>) ou, como vimos, em depósitos.
- O Conjunto de La Paloma, Pantoja, Toledo, com duas alabardas de lingueta estreitada, um punhal de lingueta, uma faca espatulada, quatro pontas Palmela e um diadema áureo de fita que, até pelo vaso carenado que o acompanha (contê-lo-ia?), pode configurar um depósito<sup>22</sup> (LÓPEZ-ASTILLEROS, 2002, p. 82), também numa zona de cruzamento de importantes vias tradicionais de passagem (*Id.* 83, Fig.2).
- Finalmente o “depósito” de Cano (Sousel) (CARREIRA, 1996)

Quando, no Noroeste Peninsular, os primeiros bronzes acompanham a substituição das alabardas pelos machados de tipo Bujões e Barcelos também estes vão, frequentemente, surgir em situações de depósito.

Deste modo, o depósito de materiais metálicos junto a vias de passagem terrestre ou fluvial configura, quanto a nós, uma forma de apropriação do território e, sobretudo, uma provável forma de “regulação simbólica” de direitos de passagem e de trânsito, indissociável do monopólio destes equipamentos fundamentais como expressão simbólica dos poderes das novas elites sociais da Idade do Bronze.

A emergência e manutenção deste *status quo* social fundamentar-se-ia então, muito mais do que em processos de domínio económico ou de coerção física, no desenvolvimento desta(s) ideologia(s) partilhada(s) entre elites e subordinados, forma de, através de uma “coerção simbólica”, a tal “violência sem violência”, gerir e regular as inevitáveis contradições sociais.

<sup>21</sup> Com duas datas de radicarbono – CSIC-483 3620 ± 50BP = 2340-1943 cal a.C. e OxA-2907 3730 ± 65BP = 2340 1943 cal a.C. – cuja soma de probabilidades, também a 2σ, é 2296-1831 cal a.C.

<sup>22</sup> Posição para que crescentemente nos inclinamos.

Armas, lugares e Homens, ou o que destes elementos resta arqueograficamente preservado, são, assim, outras tantas “janelas” abertas para a compreensão destas sociedades. Jornada começada mas certamente longe de estar concluída.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus.
- AGUILERA, M. *et al.* (2008) – Stable carbon and nitrogen isotopes and quality traits of fossil cereal grains provide clues on sustainability at the beginnings of Mediterranean agriculture. *Rapid Commun. Mass Spectrom.* 22, p.1653–1663
- ALMAGRO, M. (1966) – *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, Vol. VIII.
- ALVES, L. B. (no prelo) – O sentido dos signos – reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal. R. de Balbín BEHRMANN (ed.). *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León. ([http://webpe.sapia.uminho.pt/abettencourt/index\\_ficheiros/Page301.htm](http://webpe.sapia.uminho.pt/abettencourt/index_ficheiros/Page301.htm)).
- ANATI, E. (1968) – *Arte rupestri nelle regioni occidentali della Penisola Iberica*. Capo di Ponte. (Archivi, 2).
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. Eds. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. 1º Volume – Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa. Instituto Português de Museus.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. & ESQUIVEL GUERRERO, J. A. (2006) – Ritual Funerario y Comensalidad en las Sociedades de la Edad del Bronce del Sureste Peninsular: La Cultura de El Argar. *Trabajos de Prehistoria*. 63(2), p. 117-133.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. & ESQUIVEL GUERRERO, J. A. (2007) – Poder y Prestigio en las Sociedades de la Cultura de El Argar. El consumo comunal de bóvidos y ovicápridos en los rituales de enterramiento. *Trabajos de Prehistoria*. 64(2), p. 95-118.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. & MOLINA GONZÁLEZ, F. (2006) – Wealth and Power in the Bronze Age of the South-East of the Iberian Peninsula: The Funerary Record of Cerro de La Encina. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. Oxford University Press. 25(1), p. 47-59.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. *et al.* (2008) – Water Control and Cereal Management on the Bronze Age Iberian Peninsula: La Motilla del Azuer. *Oxford Journal of Archaeology*. 27(3), p. 241-259.
- ARAUS, J. L., *et al.* (1997) – Identification of Ancient Irrigation Practices based on the Carbon Isotope Discrimination of Plant Seeds: a Case Study from the South-East Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*. 24, p. 729-740.
- BAPTISTA, A. M. (1983) – A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Série IV. 3, p. 7-44.
- BARCELÓ, J. A. (1991) – El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas. *Arqueologia (GEAP)*. Porto. 21, p. 15-24.

- BÁRTHOLO, M.L (1959) – Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa. Instituto de Alta Cultura. Vol. I, p. 431-39.
- BETTENCOURT, A. M. (2000) – *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Braga. Universidade do Minho. Cadernos de Arqueologia. Monografias. 9.
- BETTENCOURT, A. M.; LEMOS, F. S. e ARAÚJO, M. T. (2002) – The young man of Vale Ferreiro (Serafão, Fafe, Northern Portugal): a Late Prehistoric Burial. *Journal of Iberian Archaeology*. 4, p. 131-151.
- BETTENCOURT, A.M., *et al.* (2005) – The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwestern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. 7, p. 159-175.
- CALO LOURIDO, F. e GONZÁLEZ REBOREDO, X. M. (1980) – Estación de arte rupestre de Leiro (Rianxo, A Coruña). *Gallaecia*. 6, p. 207-216.
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C., (1995/96) – Aspectos da Economia Alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos das «Salas 2 e 20» do Buraco da Moura de S. Romão (Seia). In: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 3/4, p. 253-261.
- CARREIRA, J. R. (1996) – O Conjunto metálico de Cano (Sousel). In: *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 59-70.
- CARVALHO, A.F. (2004) – O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7(1), p. 185-219
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; LULL, V. & MICÓ, R. (1996) – *Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c. 2800-900 cal ANE)*. Oxford. BAR International Series, 652.
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V. *et alii.* (1993-94) – “Tiempos sociales de los contextos funerarios argáricos”. In: *AnMurcia*. Murcia. 9-10, p. 77-105.
- COMENDADOR REY, B. (1997) – *Los inicios de la Metalurgia en el noroeste de la Península Ibérica*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Universidad de Santiago de Compostela. PDF em CD-Rom.
- COMENDADOR REY, B. (no prelo) – Space and Memory at the mouth of the River Ulla (Galicia, Spain). A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES & R. FÁBREGAS VALCARCE *eds.* *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in prehistoric and protohistoric Europe*. Proceedings of the 15<sup>th</sup> Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences. Lisbon. September 2006.
- CONTRERAS CORTÉS, F.; SÁNCHEZ RUIZ, M. & NOCETE CALVO, F. *Eds.* (2000) – *Proyecto Peñalosa*. Granada. Junta de Andalucía. Consejería de Cultura.
- CRUZ, D. J. (1998) – Monumento 2 da Serra de Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. *Actas do Colóquio 'A Pré-História na Beira Interior'*. Viseu. «Estudos Pré-Históricos», 6, p. 375-395.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S. (1998a) – O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). *Conimbriga*. XXXVII, p. 5-76.
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. & CARVALHO, P. S. (1998b) – Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). In: *Actas do Colóquio 'A Pré-História na Beira Interior'*. Viseu. *Estudos Pré-Históricos*. 6, p. 375-395.
- ELIADE, M. (1977) – *Forgerons et Alchimistes*. Paris. Flammarion.

- FOWLES, S.M. (2002) – From Social Type to Social Process: Placing ‘Tribe’ in a Historical Framework. W. A. PARKINSON, Ed. *The archaeology of Tribal Societies*. Ann Harbour (Michigan). *International Monographs in Prehistory. Archaeological Series*. 15, p. 13-33.
- GODELIER, M. (1977) – *Vers une théorie marxiste des faits religieux. Horizons. Trajets marxistes en Anthropologie*. Paris. Maspero. Vol. 2, p. 229-241.
- GOMES, M. V. (1994) – *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Silves. Câmara Municipal de Silves. XELB, 2.
- GOMES, M.V. & MONTEIRO, J.P. (1977) – As estelas decoradas da herdade de Pomar (Ervidel – Beja) – Estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3, p. 281-343.
- GOMES, M.V. et al. (1986) – *A Necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. Lisboa. IPPC. *Trabalhos de Arqueologia*, 2.
- GONÇALVES, V. S. (2008) – Na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., dois subsistemas mágico-religiosos no Centro e Sul de Portugal. M. HERNÁNDEZ PÉREZ, J. SOLER DÍAZ & J. LÓPEZ PADILLA, eds. *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante. MARQ. Tomo II, p. 112-120.
- GONÇALVES, V. S. (2009) – *As Ocupações Pré-Históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais. Câmara Municipal de Cascais.
- HARLAN, J. R. (1992) – *Crops & Man*. Madison, WI. American Society of Agronomy, Inc. & Crop Science Society of America, Inc. 2ª Ed.
- HARRISON, R. J. (1974) – A closed find from Cañada Rosal, Prov. Sevilla and two Bell Beakers. *Madriider Mitteilungen*. 15, p. 77-94.
- JARAMILLO JUSTINICO, A. (2004) – Aproximación a la Vida Cotidiana de las Poblaciones Argáricas: El Caso de Peñalosa. *@rqueología y Territorio*. 1, p. 83-99.
- JORGE, S. O. (1980a) – A Necrópole do Tapado da Caldeira. *Arqueologia*. Porto. 2, p. 36-44.
- JORGE, S. O. (1980b) – A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião. *Portugalia (NS)*. I, p. 29-50.
- JORGE, V. (1990) – Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião. *Portugalia*. I, p. 9-28.
- JORGE, V. O. & JORGE, S. O. (1990) – Statues-Menhirs et Stèles du Nord du Portugal. *Revista da Faculdade de Letras (Porto)*. II Série. VII, p. 299-324.
- JORGE, V. et alli. (1997) – *As mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)*. Porto. SPAE.
- LÓPEZ-ASTILLEROS, K. M. (2002) – El hallazgo metálico de «La Paloma» en el contexto de la Edad del Bronce del Tajo central. *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas*. Madrid. 12, p. 79-93.
- LÓPEZ PLAZA, S. & SANTOS, J. (1984-85) – Alabarda y puñales de lengüeta y remaches procedentes del S. O. de la Cuenca del Duero. *Zephyrus*. Salamanca. 37/38, p. 255-266
- MEIJIDE, G. (1989) – Un importante conjunto del Bronce Antiguo de Galicia: el depósito de Leiro (Rianxo, A Coruña). *Gallaecia*. 11, p. 151-164
- NÁJERA COLINO, T. et al. (2006) – Un Enterramiento Infantil Singular en el Yacimiento de la Edad del Bronce de la Motilla del Azuer (Daimiel, Ciudad Real). *Trabajos de Prehistoria*. 63(1), p. 149-156.

- NATIVIDADE, M.V. (1901) – *Grutas de Alcobça*. Porto. Imprensa Moderna.
- PAÇO, A. e FERREIRA, M. (1956) – Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres). *Actas XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra, p. 357-364.
- PEÑA SANTOS, A. (2005) – Arte Rupestre En Galicia. José Manuel HIDALGO CUÑARRO, Ed. *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlántico*. Vigo. Eixo Atlántico. 9, p. 3-82.
- REDMAN, C. L. (1978) – *The Rise of Civilization: From Early Farmers to Urban Society in the Ancient Near East*. San Francisco, CA. Freeman.
- RISCH, R. e LULL, V. (1995) – El estado argárico. *Verdolay*. 7, p. 97-109.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1984) – Reflexiones terminológicas en torno a la Edad del Bronce Peninsular. *Trabajos de Prehistoria (NS)*. Madrid. 41, p. 323-42.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. Ed. (1995) – *Ritos de paso y puntos de paso: La ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid. Editorial Complutense. (Complutum Extra. 5).
- SANCHES, M. J. (1995) – Alabardas de Tipo Carrapatas. JORGE, S. O. ed. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia. p. 29-30.
- SANCHES, M. J. & JORGE, V.O. (1987) – A «Estátua-Menir» da Bouça (Mirandela). *Arqueologia*. Porto. 16, p. 3-7.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin. Walter de Gruyter. 2 Vols.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993) – Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Antigo/Médio do Centro e Noroeste de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 1, p. 77-91.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994a) – Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 2, p. 163-190.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994b) – Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura Atlântica: (1) A alabarda de tipo «Atlântico» do Habitat das Baútas (Amadora)”. *Zephyrus*. Salamanca. XLVI, p. 161-182.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994c) – Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final Peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 2, p. 215-232.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000) – O Bronze Pleno. Uma Transformação na Continuidade?. J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, Eds., *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 105-114.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2006) – Depósitos metálicos versus economia política das práticas metalúrgicas na Idade do Bronze em Portugal. Comentário a Raquel Vilaça, “Depósitos de Bronze do Território Português. Um debate em aberto”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 24, p. 109-114.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2007) – Aspectos e Problemas das Origens e Desenvolvimento da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular. J. L. CARDOSO, Ed., *A Arqueologia e o Espaço Europeu. Balanços e Perspectivas*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 15, p. 119-134.



- SENNAMARTINEZ, J. C. & LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008). *Cadernos «Terras Quentes»*. Macedo de Cavaleiros. 6, p. 69-79.
- SENNAMARTINEZ, J.C., LÓPEZ PLAZA, S. & HOSKIN, M (1997) – Territorio, ideología y cultura material en el megalitismo de la plataforma del Mondego (Centro de Portugal). *O Neolítico Atlántico e as Orixes do Megalitismo. Actas del Coloquio Internacional (Santiago de Compostela, 1-6 de Abril de 1996)*. Santiago de Compostela. 101, p. 657-676.
- SENNAMARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2008) – “Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois”. In: *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 16, p.317-350.
- SENNAMARTINEZ, J. C. *et al.* (2007) – Bronze Melting and Symbolic of Power: The Foundry Area of Fraga dos Corvos Bronze Age Habitat Site (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). *Proceedings of the 2nd International Conference “Archaeometallurgy in Europe”*. Aquileia, Italy.
- VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Fornos de Algodres. Município e Associação Terras de Algodres.